A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 67 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A' SOMBRA!

Augusto Gomes, o assassino que fez estremecer de pavôr todo o paiz na semana passada, está a ferros. Mas, não está magro, nem abatido, nem acabrunhado. Matou—e vive!

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 25 DE ABRIL DE 1926 — N.º 67

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. - CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Acaso isso é descer?

Esta historia do Alto Comissario, é um grande numero!

Anda-se a oferecer o lugar, como quem diz «quem me acaba o resto?»

E todos franzem o nariz, e ninguem quere, e uns têm desgostos intimos que os prohibem de ir para Angola, outros dizem só—não porque não—, e andamos nisto ha que tempos!

Se não se chamasse «Alto» Comissario, era caso para perguntar: acaso isso é descer?

O «chauffeur» João Fernandes

Muito se tem escripto sobre a atitude do pobre rapaz que o azar escolheu para ser o «chauffeur» do «taxi» funebre.

Quanto a nós, João Fernandes fez o que faria uma grande maioria de pessoas em identicas circunstancias. Decerto que tinha sido mais belo e mais justo que ele, arriscando o pêlo corresse ao Governo Civil, a mandar prender um criminoso que viu em flagrante. Ao contrario, ele não denunciou o homem que varias vezes o salvára, que tinha sido seu patrão, e que o ameaçou de morte para se calar. Mas, na duvida terrivel que se apossou do seu espirito—procurou um advogado—para seguir o que lhe indicassem.

Cessou aqui toda a sua responsabilidade. No cerebro de João Fernandes, o conselho do advogado era o dever. Cumpriu-o. Resta saber se esse conselho era o justo.

Camaradas!

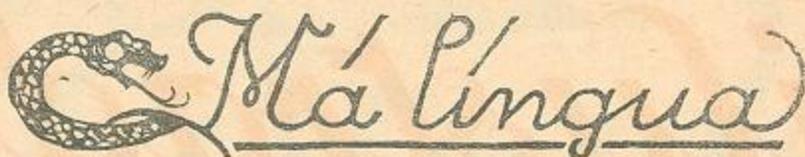
—Assim como os francezes passam a vida a chamar-nos revolucionarios e malucos, aos alemães ha muito que lhes dá na gana para chamarem-nos gatunos.

O «Seculo» noticiou o facto—e nós já o conheciamos—dos vagons da Norddeutscher Lloyde terem escripto nos menús: «cuidado com os gatunos de Lisboa».

Ora a verdade é que os nossos gatunos apesar de muitos não chegam aos calcanhares dos da Alemanha. Nós aqui entretemo-nos a roubar uns outros escudos falsos. Lá a coisa fia mais fino—a Alemanha fez o maior vigario colectivo de que resa a historia, e esses milhões de vigarisados que deixou pelo mundo, na miseria, que digam o que pensam sobre o seu moral.

As taboletas estrangeiras

Fomos nós que ha anos, no «Seculo» e na «Capital» fizemos uma campanha contra as taboletas com disticos estrangeiros. A Camara acaba agora de obrigar os comerciantes a pagarem grossa contribuição pela sua mania de francesismos. Simplesmente o 'modus faciendo' do caso é mau. Ou a nova postura se não cumpre e sofre o prestigio da auctoridade camararia, ou vai haver um grande protesto do comercio.

Má lingua

FESTAS...

É certo, se uma grande agitação
se esboça entre o povinho, ouvir a gente
sahir de qualquer alta instituição
um barulho festivo e ensurdecente...

Festas! Disto, daquillo, daquell'outro.
Pobre Zé! Todos todos tentam entretêl-o
como quem dóma algum fogoso pôtro
com quatro festas ao correr do pello.

Foi no outro dia a festa dos mercados
com bons principios e excellentes fins;
agôra andamos já maravilhados
a ouvir fallar na Festa dos Jardins.

(Por esse andar, Lisbôa, se não erro,
chêga a ter uma festa em cada nesga;
—fazem-se festas aos Carris de Ferro
e festinhas á Rua da Betesga...)

Cá ficamos á espera da folgança
deixando mil foguêtes de remissa
pois decerto essa festa, ou essa dança,
vae ser uma belleza de hortaliça.

Já daqui vejo as flores, excitadas,
as pétalas cortarem, á Garçonne,
e irem ás mercearias apinhadas
pedir para fallar ao telephone.

Castello Branco e o Guarda-Roupa Cruz
já devem ter o provimento exhausto
por «Margaridas» mil a quem seduz
tão linda festa e respectivo fausto

Toda se esprême a D. Lucia Lima
a embonecar-se lógo de manhã
e a mandar a creada alli acima
comprar as obras primas de Houbigant..

A Rosa acolhe a ideia sem carinho
e se não tómam tento ainda se amuo;
nem depois da catastrophe de Espinho
a Camara alli foi limpar a Rua!...

O Alecrim tem rasões de egual theor
que ainda o outro dia me apontou;
—não colheu nenhum ramo um vereador
que pela rua do Alecrim passou...

O cravo, faz parêde. Flôr fáceira,
não gramma, não supporto, não atura
que tanta mão desdenhe a botoeira
e insista em o espetar na ferradura.

As Anaguas de Venus, contristodas,
não vão á festa; olhando bem o espelho
sentiram-se mesquinhas, antiquadas
pouco «bastante acima do joelho...»

E o Brinco de Princeza,—alma intranquila
cujos desejos intimos descubro,—
prócura em reacções de chlorophylla
pintar o nome e a cára a verde-rubro.

Não venho aqui para «mangar co'a tropa»
fazer invocação tão allegorica.
Bem sabem. Festas, no Jardim da Europa
incluem sempre as flores... de rhetorica.

Viva a festa!—E oxalá, de qualquer parte,
não surja qualquer alma cabalistica,
que no reverso duma festa d'arte
queira fazer a sua festa artistica...

Parada de Gonta 1926 — TAÇO

ECOS

Luiz Derouet

Teve lugar na Imprensa Nacional, uma tocante homenagem ao seu director o brilhante jornalista sr. Luiz Derouet. Foi justa e carinhosa essa manifestação do pessoal daquele estabelecimento do Estado, porquanto esse funcionario se tem dedicado, com grande competencia e entranhada dedicação, ao progresso da primeira casa grafica do Paiz. Ao sr. Derouet as felicitações, inteiramente merecidas, do «Domingo».

Novos colaboradores

O «Domingo ilustrado» que não quere parar acaba de fechar as combinações necessarias com alguns elementos de reconhecido merito nas letras, afim de variar muito mais a sua colaboração.

Matos Sequeira, o eminente arqueologo vai fazer uma pagina semanal sobre a velha Lisboa, com todas as curiosidades, cheias de pitoresco, que a sua admiravel prosa sabe evocar.

Norberto Lopes, Reinaldo Ferreira, Artur Portela, tres novos de muito valor, virão dar a sua colaboração efectiva. Outros nomes se lhes juntarão, ficando a nossa redação com um conjuncto verdadeiramente superior.

questão prévia

TODOS nós, que nascemos ou vivemos nesta cidade rotineira, temos inumeras vezes perguntado a nós mesmos: porque não é Lisboa uma grande capital?

E tão complexos são os motivos por que Lisboa permanece uma grande aldeia que, apezar da muita consideração que a nós proprios devemos, nos deixamos sempre sem resposta que nos satisfaça.

Modestia aparte, eu creio ter encontrado a formula que define e explica as razões do fenomeno: Lisboa é uma grande aldeia, porque nós, seus habitantes, persistimos em ser uns desemxabidos aldeões, sem noção do que deva ser uma cidade moderna, contentando-nos com o pouco que nos fornecem de conforto e comodidade e tolhendo toda a iniciativa de progreso por uma má lingua acerada e perversa.

Decorrido já um quartel do seculo presente, Lisboa permanece a mesma cidade incaracteristica dos fins do seculo passado. Tres ou quatro ruas da Baixa pavimentadas de novo, iluminação electrica nas arterias centrais, mais uns quantos marcos de correio e uns avisadores de incendios—e é tudo quanto no burgo alfacinha assinala a marcha lenta dum progressivo desenvolvimento que nas outras capitais da Europa atinge a vertigem.

Bem se pode dizer, sem sombra de injustiça, que com Rosa Araujo fechou o ciclo dos vereadores enamorados da beleza da cidade, gostando de arrebicá-la, de lhe polir as unhas e disfarçar as rugas da velhice.

A nossa visinha Madrid não teve escrupulo em sacrificar, na parte necessaria, o seu casticismo ás exigencias modernas. Rasgou as vielas tortuosas em amplas vias de magnificas perspectivas, intensificou a sua vida social pelo desenvolvimento do comercio e atracção do turismo e, sem deixar de ser o lar dos madrilenos, abriu-se como sala de receber o forasteiro provinciano e o estrangeiro viajante. Madrid reedificou-se no plano duma cidade moderna, sem prejuizo do que nela havia de atrativamente peninsular e castelhano, mas mesmo nos «barrios bajos» a higiene e a estetica municipal passaram beneficamente, com um tal equilibrio de proporções entre o antigo caracteristico e o moderno comodo e confortavel, que bem sem pode dizer, como simbolo, que Madrid consegue o milagre de equilibrar a «peineta» classica sobre uma cabeleira «á la garçonne».

* * *

E Lisboa, entretanto, entristece e definha, como viuva que não quere ter consolação e a quem repugnam, por frivolos, todos os atavios de embelezamento. Como senhora idosa que ainda tem os olhos bonitos, Lisboa contenta-se em ser formosa vista do mar e não se importa que os extranhos, que os grandes paquetes despejam nos automoveis de excursão, lhe surpreendam as rugas tortuosas das ruas mal lançadas e a fachada triste dos seus edificios inexpressivos.

Com tradições herdadas do medieval «correr do sino», que com o desfilar dos tempos veio a transformar-se na hora de rezar o terço e que modernamente se apresenta sob o aspecto do chá em familia, o lisboeta abandona cêdo a sua cidade, deixa desertos os cafés e os teatros, arranca-se das portas das tabacarias ao bater, para ele já tardio, das onze horas. E Lisboa é triste e calada, cheia de sombra e de abandono melancolico, como uma cidade onde ha luto ou por onde a peste passou com a sua foice rapida e certeira.

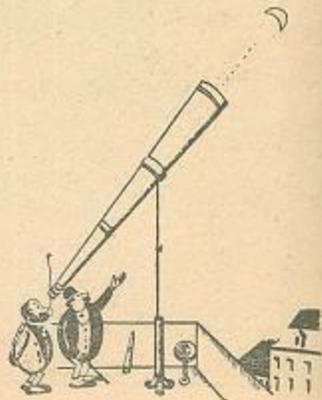
* * *

Esta cronica lamentosa imaginei-a uma destas ultimas noites, esperando o carro da uma, o ultimo carro, que nunca mais chegou, porque algum expedidor ensonado o fez recolher por já ser tarde e correr o electrico o serio risco de não se levantar a horas de encetar a primeira carreira.

Porque não ha—perguntava eu a mim mesmo, subindo penosamente uma ladeira—viação electrica toda a noite, numa cidade que blasona de capital? E os ecos tristes da rua deserta, na sua eloquente mudez de aldeia adormecida respondiam-me: porque tu e os aldeões teus patricios já se contentam e levantam ao ceu as mãos, agradecidos por terem um carro que os leve para o emprego e os traga para o jantar, unicas funções da vida, que vocês sentem e compreendem: trabalhar para comer e comer para trabalhar.

A «PROTECTORA»

—Ora fiquem sabendo que sou da «protectora» e não consinto que se bata num gato dentro de minha casa!!

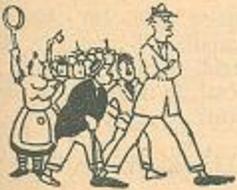
CURIOSO

—O que eu não percebo é como, não saindo nós do mesmo sitio, conseguimos vêr sempre a lua que está continuadamente a mudar de quarto...

HUMORISMO

crónica alegre

A CELEBRIDADE

HA uns mêses atraz, uma tarde no Rocio, vi um grupo enorme caminhando por um dos passeios. A cada momento engrossava. Vinham pessoas correndo de todos os lados para se encorporarem no prestito. Algumas deixavam propositadamente os electricos em que seguiam. Afinal tratava-se simplesmente de ver de perto o sr. Camarão que passeiava pelos asfaltos citadinos os seus sapatos de cincoenta e dois centimetros.

Do sentido oposto vinha um dos maiores pintores portuguêses, uma

das nossas mais legitimas glórias. Não tendo dois metros e noventa de altura como o pugilista portuense, viu-se perdido na onda dos voráses admiradores. Empurravam-no brutalmente da direita e da esquerda até que êle conseguiu respirar e prosseguir caminho no seu passinho meúdo e discréto.

Tendo presenciado a scena, fiquei scismando que nunca o grande pintor, por mais obras primas que produsa, conseguirá despertar uma curiosidade semelhante. Ninguem atropelará o sr. Camarão para ir ver passar o ilustre artista.

Do mesmo modo desafio qualquer sabio ou qualquer artista a conquistar em doze dias a celebridade do matador de Maria Alves. Descubram a cura da tuberculose ou escrevam os *Luziadas!* Se alguem na rua se voltar para vos ver, dou-vos não um doce, mas uma pastelaria inteira.

Dir-me-ão que, daqui a cem anos, ninguem falará nessas glórias éfemeras e as obras dos pintores e dos artistas em ponto grande serão a glória dos museus e das bibliotécas. A verdadeira celebridade é, afinal, uma especie de monte-pio para o qual se desconta toda a vida e se deixa ficar á familia.

AMIGOS DE PENICHE

Os amigos de Peniche mandaram executar um filme curiosissimo que se exibiu a semana passada num dos nossos cinêmas. Primeiro mostraram-nos as belezas naturaes da localidade; em seguida a actividade da sua população nas industrias de pesca e de bordados. Para terminar, fizeram-nos admirar os meios de comunicação. Esta parte do filme não se descreve e, visto, não se acredita. Até Atouguia da Baleia chegam os carros puxados por cavalos. Daí por deante, só bois conseguem arrancar a trópega diligencia atravez das côvas onde o veículo se enterra até por cima dos cubos das rodas. Ha um momento em que o conductor, desconfiado com uma buraca maior, executa uma sondagem e murgulha o aguilhão quasi todo na lama e na terra movediça. Mais adeante o burro, que transportava o operador, cae inteiro numa das pequenas ondulações da estrada. Nem orelhas lhe ficam de fóra.

Ha anos que os penichenses vem exi-

gindo, pedindo, rogando e suplicando o concerto das suas vias de transito. Nunca ninguem fez caso. Hoje, a estrada desapareceu. Ficou o que se vê no filme. Os que já não podem comsemelhante situação recorreram ao cinematografo e vieram mostrar aos poderes publicos o motivo das suas reclamações. Segundo me consta, um dos ministros convidados a uma exibição particular quasi rebentou a rir com as peripécias da pelicula que rivalisa em pitoresco comico com as de Pamplinas. O publico, que a viu depois, tambem se riu a bandeiras despregadas. No fim de tanta gargalhada, duvido seriamente que se obtenha a verba consideravel necessária para a resurreição da falecida estrada. Entretanto, emquanto nos lembrarmos do que nos mostrou o *écran*, diremos como o ministro:

—Sim, senhor. Foi um bocadinho bem passado.

E nunca iremos a Peniche.

AUTORES DRAMATICOS

Um jovem autor dramatico leva uma peça em trez actos a um confrade mais

experiente e pede-lhe com empênho a sua opinião sobre a obra.

Passados dias vae saber noticias da empada.

—Então que lhe pareceu, meu caro amigo e mestre?

—Não me pareceu mal. Li o seu drama a dois amigos e todos fomos concordes num ponto: que haveria vantagem em cortar um dos actos. A peça está longa...

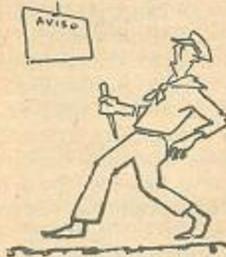
—Qual?

—Aí é que ha certas duvidas. Cada um de nós cortava um acto diferente...

A PROPOSITO DE GATUNOS

Como se sucedem os roubos de roupas e joias recomendo ás pessoas roubadas o seguinte aviso que Mark Twain pregou á porta depois de a ter tido arrombada por uns gatunos:

Aviso aos senhores ladrões: A partir desta data, as pratas da casa foram substituidas por imitações em metal sem valor. Esses utensilios estão guardados num armário, ao canto direito do primeiro compartimento de entrada, ao pé dum cesto onde dormem os gatos. Se quizerem levar o cesto, ponham os gatos em cima do tapête que fica á es-

querda. Peço a fineza de não fazerem barulho, pois tenho o sôno muito leve. Junto daquéla historia onde se poem os guarda-chuvas estão umas pantufas que deverão calçar para não acordarem ninguem. A' saida é favor fecharem a porta por causa das correntes d'ar.

ANDRÉ BRUN

SALVAMENTO

—Ah! Que grande coração! O senhor não deu conta do perigo que correu ao salvar minha filha?
—Eu já sou casado, meu caro senhor...

«FOGUEIRA ETERNA»—versos de Alves Martins.

Ainda que tardiamente, cumpre-me acusar a recepção do ultimo livro de Alves Martins, o grande poeta da «Anunciação» e «Mulher de Bençam».

O autor da «Fogueira Eterna» ocupa já um lugar em evidência entre os nossos liricos de todos os tempos e creio que será mesmo o primeiro, entre os da sua geração, ou, pelo menos, entre os que se conservaram fieis aos moldes clássicos do lirismo. Pensador profundo e sincero, alma faminta de alvura e sonho, coração desiludido de encontrar serenidade, Alves Martins não é um rimador facil e brilhante, mas um poeta, no sentido mais nobre da palavra,—um poeta de exaltada inspiração, aliada a uma forma bastante harmónica e, sobretudo, muito clara e lúcida.

A luta que entre o idealismo e o sentido da vida se trava em sua alma doente, confessa-a Alves Martins em estrofes de épica ousadia, descrevendo o doloroso desiquilibrio entre a necessidade egoista, de luta, dia a dia, para não deixar esmorecer a luz da fogueira eterna—a eterna fogueira da Vida—e a loucura de subir a um mundo alto e puro, isento de ansiedades e de desejos de vencer:—

E entre a estrela que eu sonho e a fogueira que pede
A lenha que me cabe arranjar-lhe e que mede
A minha dôr tamanha!
Minh'alma ora se exalta, ora sucumbe... E cego,
Eu nem alcanço a estrela e nem ao fôgo entrego
A necessaria lenha.

Alguns dos sonetos de Alves Martins são dos que, uma vez lidos, nunca mais esquecem, nunca mais deixam de fazer-nos mal, á fôrça de nos pesarem na alma, como tristes verdades que só agora entendemos bem.

A poesia «O meu intimo» é das mais belas e profundas, capaz, por si só, de engrandecer o poeta que a murmurou pela primeira vez, lendo-a nas páginas ainda brancas da sua alma a arder em sinceridade.

«Fogueira Eterna» é dos rarissimos livros de versos que suavisam a inglória tarefa de ler, por dever de ofício, tantos livros de rimas. Recebi-o como um prémio valioso, uma compensação da forma desairosa com que tantas brochuras insignificantes correspondem á boa-fé e á simpatia com que sempre as folheio.

Tereza LEITÃO DE BARROS

ESPIRITO PRATICO

—Então o menino não quere aprender a escrever?
—Não é preciso, o papá compra-me uma maquina.

DEDICATORIAS

Um dos nossos mais cotados dramaturgos vai fazer representar uma peça intitulada «Inimigos» e, segundo consta, tenciona dedicá-la aos seus inimigos por serem quem mais o tem estimulado e animado a trabalhar e a vencer. E' curioso lembrar que já Thomasius dedicou os «Pensamentos Independentes» aos seus inimigos.

UMA FAMILIA EXTRAORDINÁRIA

Na granja de Philipponière, em Retzle-Château, reside uma familia onde se observa uma rara particularidade. Fazem parte dessa familia uma bisavó, uma avó, uma mãe e uma filha, mas os anos de tôdas elas, juntas, não ultrapassam muito mais de noventa. De facto, a bisavó, Leontina Arnault, tem apenas cincoenta anos: sua filha, a avó, Luisa Robin, nasceu a 20 de Fevereiro de 1893 e conta, portanto pouco mais de trinta e três anos. A filha desta, já mãe por sua vez, chama-se Madalena Lucia Granger, casou em Novembro de 1924 e tem desassete anos. A bisneta terá pouco mais de um ano. Em toda a França, talvez em todo o mundo, não haverá uma bisavó que tenha mais probabilidades do que Leontina Arnault, de chegar a trisavô, a quatrisavó, etc...

NINHOS DE PEIXES

O «Gurami», peixe relativamente vulgar nos mares da China, do Arquipélago Indiano e de Java, constroe, como qualquer pássaro, o seu ninho, que é feito de folhas de vegetais aquaticos e de lôdo, estando muito bem seguro pela parte de baixo, para resistir ao movimento das águas. Estes ninhos encontram-se nas margens, ou mesmo dentro de água, em sitios onde a corrente é fraca, e nêles deposita a femea cêrca de 800 a 100 ovos Há «Guramis» com mais de um metro de comprimento e de trez quilos de peso.

A IDADE DAS LUVAS

As luvas datam, pelo menos dos tempos heroicos da velha Grécia, pois que Homero, na «Odisseia», alude ao facto de o velho Laertes arrancar espinhos, no seu pomar, com as mãos resguardadas por luvas de cabedal. De ferro, usaram-nas os cavaleiros medievais. Como signal de adôrno e de etiqueta, só no seculo XVII é que começaram a ser empregadas na côrte de Henrique III de França.

CÃES OUVINDO MUSICA

Nas aldeias e vilas da Escócia é muito freqüente assistirem á missa, sentados aos pés dos donos, os cães dos pastores que veem, ao romper do dia ou ao domingo, cumprir os seus deveres religiosos.

CRIMES E CRIMINOSOS

A falsificação das notas e a morte da actriz saturaram a atmosfera portuguesa dum acre sabor a crime. Houve almas timidas e honestas que se espantaram e confrangeram. Houve talvez alguns corações adormecidos que acordaram em ruindade e, sem querer, admiraram, compreenderam, e começaram a perdoar... Porque se expõem, ante os olhos mais inocentes, as almas cancerosas e nogentas, em vez de se ocultarem, com o pudor que encobre as maselas dos corpos?

Porque não é possivel ocultá-las? o crime tem o seu lugar na historia dum povo e, se não é o seu índice de inata perversidade, é o do seu atrazo civico. Recordar crimes é recordar castigos; é pôr, frente a frente ante os ânimos sugestionáveis, a aureola duma repelenta e efémera celebridade e a treva de longas existências miseráveis, obscuras, ignoradas, vividas á margem da Vida, nas enxovias e nos presidios, nessas estreitas margens da morte...

Falsificadores eméritos, burlões do tipo Marang, tem florescido, entre nós, desde tempos remotos. Mas como não é justo fazer paralelos humilhantes para os herois do dia, esqueçamos todos eses fabricantes de cédulas e vintens falsos—arruinados por um discreto «martelinho»—e recordemos apenas aquela famosa «Companhia do Olho Vivo», que, pelos meados do século XVIII, espantou Portugal e Europa. Era seu chefe um homem elegante, rapaz, emprendedor, que usou o eufónico nome de José Micas Lisboa Côrte Real. Os «sócios» eram todos, naturalmente, homens de «sociedade», relacionados com as familias mais distintas, tal como os falsários de hoje...

A «industria» da sociedade consistia na falsificação de firmas, tão engenhosamente imitadas que os proprios burlados as conheciam como suas. Sacavam letras e com tal arte que eram aceites mesmo nas praças estrangeiras, chegando á ousadia de processar algumas casas que mostravam repulsa em pagar! O excesso do luxo em que os membros da sociedade viviam atraiu as suspeitas da justiça que, procedendo cautelosamente, desfiou tôda a meada capturando vinte e três socios. A sentença final do julgamento foi a condenação de José Micas e nove co-reus á pena última e a dos outros, entre os quais havia duas mulheres, a degredo perpetuo, sendo antes açoitados na praça pública, Movidas altas influências—principalmente a do infante D. António, tio do rei—conseguiu José Micas salvar-se da forca, com grande escândalo público. Um desembargador, chamado Estevão Fragoso Ribeiro, declarou que o livrara da morte «porque se via obrigado a obedecer a quem, pedindo, mandava». Censurado e suspenso pelo regedor das justiças, o desembargador morrendo de desgosto, pagou assim com a vida, a sua franqueza. José Micas foi condenado a reclusão perpetua na torre do Bugio, em cárcere subterraneo, e sempre incomunicavel. O seu cárcere tinha 6 palmos de largo, 11 de comprido e 25 de alto, recebendo luz por uma fresta do tecto e para seu sustento, foi-lhe dado: um arratel de carne, por mês, meio alqueire de feijão, canada e meia de azeite, um arratel de biscoito e uma canada de agua, por dia.

Depois da Companhia do Olho Vivo, os nossos maiores processos crimes foram os do Diogo Alves, do João Brandão, do Remexido e do José do Telhado, os grandes facínoras do seculo XIX.

Diogo Alves—antigo bolieiro dos Castelo Melhor e dos Belmonte, estrangula uma meia duzia de homens e mulheres, atirando os corpos de cima dos Arcos das Aguas Livres para a serena ribeira de Alcantara. As suas mãos herculeas não se cançam de apertar... Mais tarde, forma quadrilha, com o «Pé de Dança», o «Enterrado», e outros da fina flor do crime.

O assassinio duma familia completa—mãe, duas filhas e um filho—facilita a descoberta dos bandidos, e depois dum processo em que apareceu uma criança de 11 anos, a filha da «Parreirinha»(—amante de Diogo Alves e taberneira na azinhaga das Aguas Boas, em Palhavã—), acusando a mãe das maiores infamias, o antigo bolieiro e dois cumplices, transidos de pavor, entre a furia do povo, são levados á forca, erguida no Cais do Tojo, em duas frígidas manhãs de Dezembro e Fevereiro de 1840 e 1841.

O José do Telhado, duma familia de bandidos, chegou a ser um corajoso e leal soldado de lanceiros e comendador da Torre Espada, por ter salvo a vida de Sá de Bandeira. Mas o crime chamava-o. Fez-se quadrilheiro e assumiu o papel moderno do gatuno amador, dando aos pobres o fruto do saque. Teve gestos galantes, no meio das maiores chacinas: beija a mão das senhoras a quem rouba; vem das serras para beijar os filhos, já ameaçado e perseguido por todos os lados. Prêso na cadeia da Relação do Porto, afeiçoa-se a Camilo Castelo Branco e, tornando-se o seu «guarda-costas», larga uma simpatica espanholada: «Se lhe tocarem, não chegam três dias e três noites para enterrar os mortos» João Brandão foi o guerrilheiro-bandido, aproveitado por politicos e louvado em três portarias, como agente da ordem no provincia da Beira, onde espalhava o terror e a desordem...

Sousa Reis, o «Remexido», fez no Algarve, e ao serviço da causa miguelista, o mesmo que João Brandão, anos depois, fez na Beira, vendido a Costa Cabral.

Mas a roda do crime não pára de rodar e o fim do seculo romântico e o alvorecer do actual assistem a outras causas não menos célebres, desde a de Vieira de Castro grande tribuno, intimo de Camilo, que assasina a esposa infiel—a de Urbino de Freitas, o sábio matador de crianças; desde a de Marinho da Cruz ás do «Bigode» e do cabo 115, um epiléctico que depois de assassinar um oficial, corre as ruas da cidade para vir até á redacção do «Século» contar a sua proeza... Mas, a roda do crime não pára e é dificil, quási impossivel, fixar os múltiplos farrapos de almas que, há séculos, ela arrasta consigo...

JORNAL DE MENDIGOS

Um dos mais curiosos periodicos do mundo é o «Journal des Mendiants», semanário parisiense cujas colunas estão cheias de anuncios dêste género: «Cego precisa-se, que toque flauta».—Precisa-se um maneta para um cargo de grande movimento. Teem preferência os manetas do braço direito, «exigem-se abonações e fiança». O mesmo periodico dá nota dos prémios e agências de mendigos que existem em Paris e, entre várias notícias de sumo interesse para os pedintes, informa sôbre os locais mais proveitosos para «trabalhar» e que variam conforme a epoca. Anuncia os casamentos, baptisados e enterros onde se dão esmolas, etc. E' cheio de leitura indispensavel a todos os profissionais da arte de pedir.

OS TUNEIS DO MUNDO

Calcula-se que, em todo o mundo devem existir mil cento e quarenta e dois tuneis, abrangendo um comprimento total de novecentos e cincoenta quilometros.

CARVALHOS CÉLEBRES

Em Inglaterra, há três carvalhos célebres: o mais antigo, o maior, e o mais copado. O primeiro chama-se do «Parlamento» por se dizer que foi sob êle que Eduardo I reuniu um Parlamento, em 1290; supõe-se que terá uns 1500 anos e está plantado na tapada de Clipstone, pertencente ao duque de Portland. O maior carvalho é conhecido pelo nome de «Calthrope» que é o da tapada em que está situado, e o tronco mede, na base, uns vinte e oito metros de circunferencia. Finalmente ha ainda o «carvalho dos três condados», que faz sombra a mais de mil metros quadrados, cobrindo, com os seus ramos, terra dos visinhos condados de York, de Nottingham e de Derby.

ALERTA, GASTRÓNOMOS!

A sciência, tornando-se escrava da gastronomia, já conseguiu a produção da laranja sem pevides, da uva sem grainhas, dos tomates sem sementes, dos pimentos quási macissos, das vacas muito gordas, dos carneiros de longa cauda, que é a sua parte mais saborosa, etc. Nos laboratorios maritimos conseguem-se peixes quási sem espinhas e fazem-se extranhos cruzamentos.

Já há «Gourmets» americanos que pedem truta salmonada e arroz de ostra enxertada em ameijoa, como nós podemos pedir um carapaú ou arroz de mexilhões...

AS VACAS... SUISSAS

Na Suissa, as mulheres e os homens que ordenham as vacas recebem melhor soldada se, por acaso, possuem boa voz, visto ter-se descoberto que as vacas dão mais um quinto de leite, quando ouvem, enquanto ordenhadas, alguma melodia agradável.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

cá por dentro

Erico Braga é o nosso maior «charmeur» em teatro. O canto do seu camarim, quando esfuzia o espirito da sua conversa graciosissima, é um dos raros centros de palestra nesta Lisboa semsaborona.

Não resisto a contar-lhes algumas anedoctas a que ele deu todo o pitoresco da sua graça pessoal:

Morava Erico nesse tempo, na Parede, e representava no Nacional certa peça.

Um actor — Lino Ribeiro — o «Lino dos tipos» fazia um papel no qual tinha grande filé, principalmente na passagem da morte, cujo estertor prolongava durante dez minutos, com esgares proprios á situação, soluços, ancias, queixumes, «ahs», etc.

Erico assistia furioso áquela morte que já duas noites lhe tinha feito perder o comboio — mas não havia maneira de convencer o colega a sacrificar o efeito. A' terceira noite, Erico, logo que o homem começou a morrer, chegou-se junto dele, e tapando-lhe a bôca, exclamou: Morreu!

O desgraçado não tugiu nem mugiu; teve que tombar logo a cabeça e esgazear os olhos—mas entre dentes murmurou: Ah! malandro, isto não se faz a um actor da minha categoria!!

* *

Representáva-se no Nacional a *Dama das Camelias*. Albuquerque fazia o Duval e Palmira Torres a Gauthier. O galã enroqueceu e a peça não podia ir á scena nessa noite. O emprezario Galhardo, chegou aflicto junto de Erico e pediu-lhe:

—Está um casão vendido! Tu é que tens que ir fazer o Duval logo!

—Você está doido? Eu nunca li o papel!

—Não faz mal! Tem paciencia!—e meteu-lhe duzentos mil réis na mão.

Erico acedeu. A' noite, o idilio celebre de Dumas foi-se arrastando lentamente, aos solavancos do ponto. O peor foi quando se chegou á scena da casa de jogo. Erico não sabia uma, e era preciso dizer a tirada de grande efeito.

A peça que se representára anteriormente—*Montmartre*, tinha tambem uma tirada. Erico não esteve com meias medidas. A certa altura, zás, prega-lhe com a fala inteira da outra peça, no meio dos gritinhos assustados da D. Palmira Torres, que nunca tinha ouvido aquilo, e dizia, com uma grande convicção: «Armando! Armando que é isso»?! Erico terminou ofegante.

O pano desce, e uma grande ovação premeia aquele enxerto estupendo! A Sr.ª D. Palmira Torres, essa, tinha desmaiado!

E, se fizessemos teatro portuguez?

—Que me diz o snr. a este manifesto desprêso das emprêsas pelo teatro portuguez? O Ginásio, por exemplo, que tinha sérias tradições de comédia e farça lusitanas, inaugurou as suas novas parêdes com uma velharia inglêsa. Depois representou uma piéguice andalusa. Depois uma farça madrilena ou lá o que era. Depois uma alta comedia parisiense. Tem em scena a reposição duma peça da mesma origem e, para as recitas da sua actriz e do seu primeiro actor, representará a adaptação francêsa dum romance inglez e a reposição duma peça policial gaulêsa. Nos outros teatros...

—Não gaste debalde a sua saliva. Nesta epoca só Carlos Selvagem se viu representado no Nacional. Os outros valores do teatro portuguez—não serão muitos, como êles dizem; mas, vamos com Deus, ainda talvez sejam meia duzia—permaneceram inátivos. Ninguem os procurou; ninguem os incitou ao trabalho. O caso explica-se. As peças extrangeiras recomendam-se pelo seu valor, pelo êxito obtido no paiz d'origem, pelo nome dos creadores. Podem ser traduzidas por pessoas que facilitem o reclamo, etc. E' certo que, em noventa por cento dos casos, a transplantação lhes é fatal. Os artistas estão mal á vontade dentro delas e o publico não sente acções travadas em meios que desconhece. Pouco importa! Ha sempre na prateleira algumas dusias de exemplares da *Petite Illustration*, onde é facil escolher o espêlho em que revejam complacentemente as inconsciencias e as vaidades.

Dir-me-ão que a producção portuguêsa não é, nem em quantidade, nem em qualidade, suficiente para alimentar o repoitorio das vinte e nove companhias de declamação que nos afligem. Mas—que diabo!—duas ou trez peças portuguêsas em cada época de cada teátro, contando com as reposições a que nos julgariamos obrigados, se tivessemos o respeito do nosso património artistico, talvez se podessem arranjar. Os empresários responderão tambem apontando-nos as rumas de peças que autôres bem intencionados lhes levaram e que, em boa verdade, êles não podem representar. Mas os outros, os que deram provas e, por isso mesmo, têm direito a ser solicitados? Se amanhã dirigisse um teatro, tenho debaixo de mão uma lista de, pelo mênos, dez autores a quem convidaria para colaborarem comigo e uma outra onde encontraria sem dificuldade vinte peças esquecidas injustamente e que eu traria de novo á luz da ribalta com os grandes nomes que as subscreveram. A ver representar peças portuguêsas, o nosso publico, que, apesar de tudo é portuguez, talvez se sentisse no teátro um pouco mais em sua casa do que agora. Os nossos artistas, que são quasi todos portuguêses, interpretando tipos conhecidos e dentro dos quaes estivessem á vontade, talvez podessem dar mais realce verdadeiro aos variaveis talentos de que são dotados.

—E, como julga possivel trazer de novo os empresários ao amor do teátro portuguez?

—Com o publico não ha que contar. Embora êle distinga marcadamente os nossos bons originaes—haja em vista o exito recente do *Leão da Estrêla*—fá-lo por natural instinto e não por decisão patriótica. Concorre tambem ao teátro estrangeiro. Sae de lá quasi sempre dizendo a si proprio que não é bem *aquilo* o espectaculo sonhado; mas paciencia! Para a outra vez, se calhar, será melhor. Da imprensa tambem ha pouco a esperar. O mal, que se tem agravado, não é de hoje. Já leu, da parte dalgum critico, o justo repáro a este estado de cousas? Não, meu amigo... O unico remédio seria o critério das proprias emprêsas. Esse sabemos nós qual é actualmente. O circulo é, portante, vicioso.

—Estamos num bêco sem saída...

—Talvez não. Imagine que se instalava em Portugal um Mussolini disposto á nossa nacionalisação. Bastava-lhe um decréto com dois artigos:

Art. I—Sempre que representem peças estrangeiras as empresas teatraes pagarão o dôbro das contribuições marcadas.

Art. II—Sempre que representem peças portuguêsas essas contribuições serôa redusidas a metade.

A. B.

Uma grande noite de Arte

Amelia Rey-Colaço na *Salomé*

CARTA A AMELIA REY-COLAÇO SOBRE A SUA FESTA

Querida amiga

Deixe-me felicita-la com a maior emoção pela grande noite de segunda feira, em que v. honrou o Teatro Português, dando ao nosso chamado publico de «elite» um espectaculo superior ás suas forças de cultura e compreensão, e revelador das eminentes qualidades de directores que V. e seu marido possuem.

Eu não ponho rectrições á sua festa artistica—a não ser na minha colaboração, onde aliás fiz um esforço honesto.

Em tudo o resto V. realisou o mais completo espectaculo de Arte que se tem apresentado ha muitos anos em palcos portuguêses, em que peze a muitos—áqueles que já não reconheceram as «étapes» magnificas da «Ribeirinha» a formidavel tentativa—a primeira tentativa seria de teatro historico—e a da »Dama das Camélias», o mais sentido e eloquente quadro de «mise-en-scène» que se tem erguido em torno da obra de Dumas.

Querida Amelia Rey Colaço! Não desanime Para honra, para dignidade, para orgulho dos portuguêses que teem a ventura de ter vivido comsigo tão rapidos dias de vida, siga como até aqui! Não arrede um passo! Não transija um milimetro!

Se a critica, os jornais, os cafés, lhe fugirem, antes de renunciar, vá até ao Povo. Ele lhe dará coragem, ele a compreenderá—por instincto!

Beija-lhe as mãos, o seu grato

LEITÃO DE BARROS

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira. «Roma galante».

Gymnasio — O «Az» com Palmira Bastos, Gil Ferreira e Silvestre Alegrim. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Variedade em sessões cinematograficas.

Nacional — Grande exito da peça «A Dança da meia noite», de Mére, tradução de José Sarmento.

Trindade — A grande Companhia franceza Ch. Yolte Lysés. Hoje «matineé»

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «Os milhões do Criminoso».

J. Almeida — Inauguração da epoca de verão com a aplaudida revista »Fox-Trot».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

2.º PREMIO

Maria Madalena

Pungente pagina, admiravelmente escripta, e onde um nosso colaborador se revela um delicado novelista de recursos.

EDUCADO por uns tios que viviam na abastança, Miguel da Silveira, foi meu companheiro nos sete anos do liceu. Dotado duma inteligência pouco vulgar seria hoje um advogado de nomeada se o amor e o orgulho não tivessem atirado com ele para terra africana.

Preso dos encantos de Maria Madalena, ardendo no desejo de possuir aquela mocidade esplendorosa, acolheu com alvoroço a proposta dum apressado casamento.

Prevendo a oposição dos tios e não tendo forças para refrear durante cinco anos, a paixão que o arrebatava, despiu a toga dos seus sonhos de menino e enfiou mangas de alpaca, no escritório dum rico comerciante d'Africa.

Entregou-se ao trabalho com o mesmo ardor com que se entregára a Maria Madalena. Em seis meses ganhou a confiança, a estima do africanista e alcançou na importante casa comercial úm logar proeminente.

O falecimento inesperado do gerente duma das roças foi a porta aberta para o caminho das suas ambições.

Solicitou o logar vago; patenteou aos tios o profundo agradecimento por tudo quanto lhe haviam feito; despediu-se da vida de solteiro com um banquete de muitos talheres; e um dia... lá se foi, mar em fóra, com a mulher nos braços e o coração cheio das mais risonhas esperanças.

* * *

Foi curta a lua de mel. Maria Madalena não casára por amor: deslumbrou-a o brilho das «toiletes»; seduziu-a a vida de grande senhora, rodeada por centenas de escravos negros, e escravisando os brancos admiradores da sua beleza radiante; e, mais do que tudo, ambicionou a liberdade do casamento.

Miguel da Silveira depressa conheceu o grande erro da sua vida! mas amava-a muito, amava-a até ao perdão! E desculpava-lhe as indiferenças, satisfazia-lhe os caprichos, fechava os olhos ás suas pequeninas leviandades.

Não se atrevia a dirigir-lhe a mínima observação sobre os gastos exagerados, não lhe fazia a mais leve censura aos «flirts» que a divertiam, pelo receio de magoa-la, pelo medo de perder o abandono com que ela lhe entregava o corpo ainda palpitante dos *one-steps* da *soirée.*

e um dia... lá se foi, mar em fóra...

Mas o ciume a apoderar-se dele, a deitar raises, a crescer, a roer-lhe o peito...

E uma noite não poude mais... deu largas á revolta... ameaçou-a... ditou leis... impoz vontades... esqueceu-se de que era amante... lembrou-se apenas de que era marido...

Maria Madalena ouviu-o com aprumada altivez, recebeu aquela tempestade de palavras com impassivel dignidade:

—«E foi para isto que me arrancaste á vida despreocupada e alegre que eu levava em casa de meus pais? Acompanho-te a este sertão; exponho a vida aos perigos deste clima mortal; aqueço e ilumino o teu desterro com o sol da minha mocidade; dou-te coragem para o trabalho! e é assim que pagas o meu sacrificio, é assim que agradeces ter feito dum estudantinho humilde, sustentado por tios caridosos um homem de acção, respeitado, invejado, a caminho dum futuro grandioso, a caminho da riqueza! E tudo porquê? Porque eu tenho alguns «flirts», a unica distração que póde ter uma mulher casada, que não quere deixar de ser honesta! Mas, tu não vês, cego! no numero desses «flirts» a inocencia de cada um deles? Não! Não vês! e martirisas-me com os teus ciumes, ofendes-me com as tuas grosserias que eu não posso suportar! Has-de arrepender-te um dia, quando eu voltar a Partugal e tu, sósinho, abandonado, chamarás em vão por mim!»—

Miguel da Silveira, exausto, arrependido, soltou o brado dos seus queixumes... pediu... implorou... chorou como uma creança!

Maria Madalena fez as malas e, sem uma lágrima, sem um adeus, tomou o primeiro paquete para Lisboa.

O marido víu-a na coberta do navio, muito alegre, muito garrida, a flirtar com um jovem medico que ia gosar em Portugal trez meses de licença...

E, quando voltou á roça, ardia em febre, uma febre que lhe durou noventa dias.

* * *

«*As saudades matam-me. Parto no Beira.—Madalena.*

E aquele cabograma levou a saúde e a alegria a Miguel da Silveira.

Com que anciedade ele esperou a chegada do navio! Com que ardor ele beijou a mulhersinha querida! Com que amisade ele abraçou o jovem medico que terminára a licença!

Voltava o sol ao seu desterro, a aquecer-lhe a vida, a animá-lo ao trabalho!

Nunca mais haveria zangas, nunca mais se falaria em flirts!

Mas... surgiu-lhe a visão da coberta do navio: Maria Madalena muito alegre, muito garrida, écharpe ao vento, sorrindo meigamente ao Doutor, que lhe estreitava as mãos...

Uma suspeita lhe amagurou a alegria: aquele regresso inesperado, juntos, no mesmo paquete, seria obra do acaso, uma simples coincidencia? Ou seria ele victima dum ludibrio infame?

* * *

Não passou uma semana que o enamorado rapaz não tivesse a prova da sua infelicidade. Quiz matá-la, lavar em sangue as nódoas que ela lhe poz no nome... mas amava-a muito, amava-a até ao perdão!... e suicidou-se.

* * *

Miguel da Silveira veiu a Portugal retemperar-se de sete anos d'Africa.

Maria Madalena dançava sobre um fio de arame.

Mortos os tios, separado da esposa, procurou o que lhe restava dos tempos felises da mocidade: os amigos.

Foi para mim a primeira visita. Passámos horas e horas a recordar o passado, a falar do futuro.

Ergui ante os seus olhos o castelo grandioso dos meus sonhos... ...e ele mostrou-me as ruinas das suas ilusões!

E assim, trocando impressões, fomos correndo as ruas da vila. Estavamos agora no vasto campo da feira de S. Pedro.

Deante de nós erguia-se uma barraca, com o seu varandim enfeitado com festões de verdura e flores de papel. Por cima da porta lia-se em grandes letras vermelhas: «Circo Forsini».

Um hércules ventrudo cobria o vozear da multidão apregoando as excelencias da companhia acrobática:

«E' entrar, meus senhores, é entrar!» Sobre o varandim engalanado uma rapariga horrivelmente pintada mostrava as suas graças de bailarina num atrevido e volutuoso saracotear dos magros quadris.

Miguel da Silveira empalideceu, apoiou-se ao meu braço, de olhos desmedidamente abertos, obstinadamente presos naquele maillot desbotado.

—«Conhece-la?» preguntei eu. Respondeu-me uma voz repassada d'amor e de vergonha: E' minha mulher!»

* * *

Meia hora depois o comboio entrava no tunel, sumia-se na escuridão, levando para Lisboa o pobre Miguel, a aturdir-se no bulicio da capital, a procurar o esquecimento no anestésico dos clubs mundanos.

Curioso e compungido voltei ao campo da feira... entrei no Circo Forsini...

Maria Madalena dançava sobre um fio d'arame.

Lembrei-me dos versos de Branca de Gonta:

«Ffirt» é um fio doirado
sobre um rio atravessado
todo luz...

«Amor» é o nome do rio:
quem não sabe andar no fio...
catrapuz...!

Aquela mulher, caída do alto pedestal do amor e da fortuna, aprendeu na lama escorregadia da desgraça o segredo do equilibrio!!!

Torres Vedras.

A. *FIVELIM COSTA*

UMA NOVELA IRONICA COMPLETA

(A scena passa-se no Congresso; na sala dos passos perdidos, varios pais da patria (e outros filhos e afilhados da dita senhora) passeiam e conversam em assuntos tão inocentes que deles nenhum mal pode vir para o paiz, se bem que nenhum beneficio tambem possam trazer).

O PAI DA PATRIA X—*(ex-ministro) para um sujeito simples pai de familia tambem presente.*

—MAS o desastre tinha sido pequeno?

O INTERPELADO

—Pois sim mas no hospital trataram-no com a delicadeza do costume; o homem chegou, e sem mais contemplações, cortaram-lhe as pernas e puzeram-no a andar..

O X *(atonito)*

—A andar?... Mas como?

O INTERPELADO

—Isto é, mandaram-no embora.

O PAI DA PATRIA Z

—Afinal o Antunes casou hontem.

O X *(admirado)*

—Neste tempo, com esta carestia, foi temeridade.

O Z

—Mas é que não sabem o tesouro que ele adquiriu.

O X

—Ah! casou rico; então sim; já não tem de preocupar-se com o preço dos viveres; do bacalhau, do assucar...

O Z

—Pois não, a mulher é diabetica.

O X

—Isso é uma mina!

O Z

—Tem pedras nos rins...

O X

—Calculem, se forem preciosas!...

O Z

—Tem cataratas nos olhos...

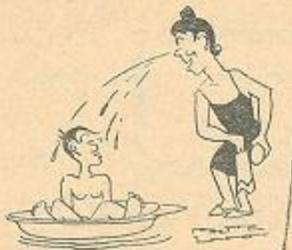
O X

—Imaginem! Que energia a aproveitar! A hulha branca...

O Z

—Tem além disso muito fosforo; tem a aôrta dilatada.

O X

—Mas isso foi um achado; agora

que a hortaliça está carissima e os terrenos valem um dinheirão.

UM SUJEITO *(tambem presente)*

—Na verdade isso é uma riqueza e uma fertilidade impossiveis de calcular.

O Z *(radiante)*

—Qual historia; ela tambem já tem calculos... no figado.

Um deputado, que vem da sala

—Então vocês hoje reunem cá fóra?

O X

—Ainda se trata do orçamento?

O Z

—É uma estopada. Se soubesse nem tinha posto cá os pés.

O X *(para um que chega)*

—Você hoje chegou tarde!

O RECEMVINDO *(que pela edade mais parece um recemnascido)*

—Tres quartos d'hora á espera de carro, meu amigo. É um serviço impossivel.

O SUJEITO PRESENTE

—Pessimo. Veem sempre cheios, nunca ha logar.

O PAI DA PATRIA *(chegado da provincia)*

—É um serviço muito mal organisado; imperfeito. Quem não conhecer a cidade não sabe onde esperar carro.

O Z *(com ares de muito viajado)*

—Olhe já em Hespanha isso não acontece; em todas as paragens estão indicados os destinos dos carros que por ali passam...

O SUJEITO PRESENTE

—Como agora fazem no Rocio.

O X *(pensativo)*

—Deve dar ótimos resultados...

O Z

—Isso não sei. Isto contou-me um amigo que lá foi ha pouco tempo...

O X *(para um colega que chega da sala das sessões)*

—Quem está a falar agora?

O RECEMCHEGADO

—É o leader do novo partido.

O X

—Ainda? Esse homem nunca mais se cala!

O RECEMCHEGADO

—Agora está a interrogar a meza.

O X

—Pois é, como já ninguem está para o aturar, agóra até fala com a mobilia.

O SUJEITO PRESENTE

—Afinal aquele meu caso não chegou a ser discutido hontem?

O Z

—Não poude ser!

O SUJEITO

—Mas estava na ordem do dia.

O Z

—Pois sim, mas a discussão da outra proposta complicou-se e quando se chegou á ordem do dia já era noite...

O SUJEITO

—Mas porque foi?

O Z

—Teve de tratar-se daquele negocio urgente...

O SUJEITO

—Eu logo vi que se tratava de negocio.

O Z

—E depois começaram varios oradores a pedir a palavra para explicações. E Vossê sabe, quando muitos

pedem a palavra para explicações nunca mais ninguem se entende...

O Y

—O presidente viu-se até obrigado a tocar o carrilhão, mas apezar disso...

O Z

—Não serve de náda. Em certas ocasiões só com um dos carrilhões de Mafra se conseguiria alguma coisa. Já me lembrei de propôr isso.

O Y

—Pelo menos um Jazz-band...

O Z *(para um que foi espreitar á porta)*

—Já estão na ordem?
—Não, agora estão na desordem.

O Y *para o X que está pensativo*

—Mas o que tem Você?

O X

—Parece-me que logo que volte ao poder aproveito a ideia dos electricos em Hespanha.

O Y

—O quê os letreiros? Mas isso não é novidade. E não é uma coisa perfeita, compléta.

O GRANDE ESTADISTA

Curiosa pagina de «boutade» que interessa e se lê com um sorriso continuo.

O X

—Ora essa porquê?

O Y

—Então, e os cegos por exemplo?

O X *(numa inspiração)*

—Letras em relevo.

O Y *(sceptico)*

—E para os que não sabem ler, meu amigo? Já vê que não é completo.

O X *(fica um pouco entupido, mas não desanima e após uns momentos de profunda meditação, tem um sorriso triunfante e diz por fim já com um ar pombalino)*

—Mas está tudo arranjado, meus senhores... e é um achado, um grande achado...

OS OUTROS *(descrentes)*

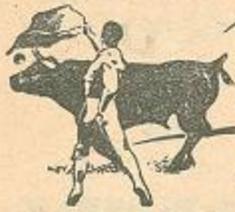
—Mas então como?

O X *(triunfante)*

—Ora... ora... facilimo, meus ami-

gos, facilimo... junto de cada paragem... um professor de instrução primaria.

AUGUSTO CUNHA

VARIA

CAMPO PEQUENO

NO tempo em que havia touradas e os toureiros e grandes aficionados usavam chapeu á «Mazzantini» e cabelo á hespanhola, caracteristicas estas que traduziam bem nitidamente a genuina «afficion» que passou á historia..., as alternativas constituiam uma religiosidade de maximo escrupulo a dentro da saudosa e verdadeira tauromaquia.

A alternativa, ou seja o diploma de reconhecida competencia, conferido a quem o merecesse, foi sempre o acto mais soléne, e de bastante respeitabilidade, que se praticava no redondel da primeira praça do paiz.

Era necessario que o feliz neofito profissional tivesse dado bastas e excelentes provas da sua competencia, em outras praças de inferior categoria, para depois e com grande empenho, entrar como praticante no Campo Pequeno, envergando o trajo de «corto», e quando a opinião geral se tivesse pronunciado, manifestando-se com aplausos e criteriosos louvores ao seu trabalho arrojado e distinto, era finalmente conferida a honra de profissional ao que até ali fôra simples toureiro-amador.

A execução e solenidade d'este acto, enobrecia o tradicional divertimento e colocava no mais sublime pedestal de gloria, a competencia que desde essa hora estava auctorisada a apresentar-se em publico, com fato de «luces», «montéra» e capa bordada, e, portanto, apto a exercer a sua arriscada profissão, legalmente adquirida e confirmada pelos dois grandes juizes: — Imprensa e publico. Era assim que se faziam os toureiros.

A alternativa a que me refiro, isto é, a verdadeira e nobre alternativa, oferecia entre muitas, duas grandes vantagens: para o publico, porque este via trabalhar um artista de competencia reconhecida, e para o toureiro, porque lhe era garantia de um determinado numero de corridas obrigatorias no Campo Pequeno, juntamente com a sua festa anual, afóra algumas touradas na provincia, o que lhe daria os proventos necessarios para se manter adentro das comodidades exigidas e relativas á sua profissão, outr'óra muito respeitada.

Com as modernas e constantes alternativas, quem fica a perder são os noveis toureiros que, sem outros recursos, tenham que abandonar as suas primitivas ocupações, menos arriscadas e talvez mais lucrativas, fiados n'uma visão que — triste é dizel-o — póde falhar, ainda com a agravante do enorme dispendio no fato de toureio, capotes, etc, para afinal, entrar o ano e sair o ano, e a respeito de corridas... nem meia. Haja em vista, entre outros, o pobre bandarilheiro Antonio Cruz há pouco falecido.

. . . .

Na corrida de domingo passado, recebeu a alternativa o snr. José Parracho e na corrida de hoje é tambem concedida a alternativa ao cavaleiro, snr. José Tanganho.

* * *

Com pouco mais de meia casa e debaixo de uma atmosfera bastante desagradavel, realizou-se no domingo a segunda corrida d'esta temporada, tendo a recomendá-la a alternativa de José Parracho, a apresentação do espada «Parejito de Valencia», a reaparição, depois da sua grave colhida, do bandarilheiro Custodio Domingos e ainda mais a continuação do concurso de bandarilheiros que deve terminar hoje se as circunstancias o permitirem.

Os touros, de robusta corpulencia e côres variadas, deram má lide aos seus antagonistas que se viram em palpos de aranha para poderem fazer alguma cousa de geito.

Tiveram as honras da tarde, trabalhando brilhantemente, os tres «azes» da corrida: «Parejito de Valencia», que passou admiravelmente de capote, colocando dois bons pares de bandarilhas e manejando a muleta com valentia; Custodio Domingos, com o capote e a muleta executou uma faena excelente, cingida e adornada e José Parracho que recebeu a alternativa, agradou plenamente, sendo muito aplaudido no final da sua lide que constou de tres pares de bandarilhas, indo «á cara» do touro com arte, elegancia e valentia, rematando as sortes para ambos os lados. Assim é que se toureia.

Antonio Luiz Lopes e Simão da Veiga, tourearam a contento geral e toda a «peonagem» deligenciou agradar. Os forcados fizeram uma pêga de «cernelha» e tentaram uma de «cara» que não foi executada...

Foi muito notada a falta de cortezia dos cavaleiros em não entregarem os ferros de abertura e respectivo aperto de mão, atribuindo-se esta «novidade» ás relações cortadas entre Simão da Veiga e Antonio Luiz Lopes.

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para — Alternativa de José Tanganho.
2.º touro para — Bandarilheiros.
3.º » » — Ricardo Teixeira.
4.º » » — Espada «Parejito».

INTERVALO

5.º touro para — José Tanganho.
6.º » » — Bandarilheiros.
7.º » » — Ricardo Teixeira.
8.º » » — Bandarilheiros.

Este programa poderá ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

solução do problema n.º 65

	Brancas	Pretas
1	18-8	12-3
2	20-24	28-19
3	10-15	3-14-27
4	15-24-31 (D) Ganha	

PROBLEMA N.º 66

Pretas 2 D e 3 p.

Brancas 2 D 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tarcejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 64 os srs.: Artur de Mascarenhas Martins, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiros, Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Espectrus, José Magno (Algés), Manuel Tomaz Marques, Neulame (Figueira da Foz); R. Serradura (Idem), Ruy Freiria; Sueiro da Silveira, Um Chiquinho (Bragança), Um oficial (Foz do Douro) e Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Artur Santos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 1 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME — *DR. FANTASMA*

25 ABRIL 1926

QUADRO DE HONRA

A. D. MEIRA, AFRICANO, ORDISI, D. SIMPATICO, (todos da T. E.) P. J. M., LORD DA NOZES, D. GALENO, CAMARÃO (do G. E. L.), AVIEIRA e VIRIATO SIMÕES.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 64

DECIFRAÇÕES DO N.º 64

1—agradecido, 2—sialismo, 3 polipo, 4—capacitar, 5—siso, 6—tem te-na raiz, 7—bolacha, 8—armaria, 9—alusão, 10—agape, 11—suspensão, 12, trompa.

CHARADAS EM VERSO

[Á minha gentil amiguinha, cujo nome se oculta no conceito]

1) A' pouco, a vi passar: as suas mãos mimosas,
Nascidas num jardim, entre rosais em flôr,
Tinham aquele ardôr que se evola das rosas,
Quando, mal vem rompendo, o *sol* do nosso amor! — 2

No seu rosto sedôso, a formosura inacta,
Transparecêr deixava, uma expressão tão fina,
Como *a* graça gentil que paraliza e mata — 1
Um colóquio de amôr, em noite cristalina...

Dos olhos, um fulgor extranho e scintilante,
Inundava, de luz, a sua ebúrnea face,
Perdendo-se, atravez do seu sorrir galante,
Num misterio de amôr... Numa ilusão fugacel..

Um colar de marfim, compunha essa beleza,
Como que, a florir, dos seus labios rosados,
Talhado, com o cinzel da propria Natureza,
Numa noite de *lua*... Em sonho de noivados...

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

(A D. GALENO)

2) *No caso de* ir a Pompeia, — 1
Repare, ao nascer do sol,
O mimo com que *gorgeia* — 2
Um negrito rouxinol...

O vesuvio desafia
No seu constante voar,
Cantando, de noite e dia,
Tem o *sestro* de cantar.

Lisboa — AVIEIRA

[A alguem...]

3) Fui, um dia, visitado,
Com toda a delicadeza,
Por um doutôr, meu amigo,
Numa «*Terra portugueza*». — 2

Muitas coisas me narrou,
A' tardinha, p'la merenda:
— «Oiça-me... — diz o doutor —
Mas, a refeição, *suspenda!*.. — 1

— «A visinha do meu lado,
Que, Etelvina,, se chama,
Namora um forte rapaz
Que gosa de muita fama.

Agora, p'lo aniversario,
Pediu luvas de camurça;
Mas recebeu, como prenda,
Uma grande *carapuça!*...

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

LOGOGRIFO

(Ao DR. FANTASMA, como prova da minha admiração pelo seu talento)

4) Via-a, dançando o «*côco*», ao som de guizos, — 11—4—5—6—9
Em exotica e fria *região* — 12—4—1—9—10.
E, ao vê-la, senti prêso o coração
Nos laços divinais dos seus sorrisos...

Meus olhos, nunca mais, puderam vê-la...
E vivo, a procurá-la, da «*cidade*» — 8—2—7—5
A' mais remota «*ilha*», em anciedade, — 8—3—12
Sem descobrir o poiso dessa estrela!...

E, na ilusão que prende o meu sentido,
Sentindo o desconforto dentro da alma,
Eu trago a vida pezarosa, incalma,
Como se fôra um «*passaro*» perdido!...

Amadora — MATASIL

CHARADAS EM FRASE

5) *Não* pode haver *ordem* onde reina a injustiça! — 1—2

Lisboa — ORDIGUES

6) Neste *pantano* é que se *suspende* a *enfiada* do *monumento sepulcral* — 2—1—2

Lisboa — SANCHO PANÇA

7) Só ha uma *forma* de não *faltar* com as botas que me deram para *concertar!* — 2—2

Lisbôa — LORD DA NOZES (da T. E.)

CORREIO

(Resposta a correspondencia recebida desde 11 a 19 de Abril).

VIRIATO SIMÕES. — Agradeço e retribuo tão amaveis cumprimentos. Pode continuar, será sempre muito bem recebido.

D. GALENO. — Nada tem que agradecer. Honrar-se-ha muito com tão ilustre colaboração.

SANCHO PANÇA. — Tenha a bondade de entrar. Com o maximo gosto. Pode repetir a visita as vezes que quizer.

D. SIMPATICO. — Recebi e agradeço. Sempre ás ordens.

P. J. M. — Muito agradecido pelo cartão que me enviou. Retribuo e, quando quizer, tem sempre uma casa ao seu dispor.

MATASIL. — Muito obrigado. Era favor, pois é uma das regras do *Regulamento*, indicar o dicionario onde se verificam os *conceitos parciais e totais* dos seus trabalhos.

CAMARÃO. — Recebi e agradeço o seu *Logogrifo*.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos*, 50 % das soluções, *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c. — Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, sem *distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado.

DR. FANTASMA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 66

Por M.º W. J. Baird 1906

Pretas (7)

(Brancas (6

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Um problema celebre. A posição inicial figura a letra N. A chave a transforma noutra letra. Não tem nenhum valor tematico.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 64

1 R 6 R

Uma chave curiosa pois vae pregar uma peça bem activa.

Resolveram os senhores: Vicente Mendonça, Marques de Barros, Grupo Albicastrense: Nunes Cardoso, Salazar d'Eça, Sueiro da Silveira e Club Portuense.

CORRESPONDENCIA. — Só se publicam os nomes dos solucionistas que nos enviarem as suas soluções correctas até ao sabado imediato á publicação do problema.

RESPOSTAS A CONSULTAS

SENSIVEL. — Boa e cultivada inteligencia mas um tanto destra mbelhada, caracter complexo e incompreensivel até para si propria, generosa... e cruel, tão sem razão tanto para uma coisa como para outra. Amante da literatura e um tanto «empoissonée» de ela, caprichosa, autoritaria, com má memoria, vaidade intima mal disfarçada, mundanismo, gosto pelas joias e coisas ricas, intuição, impaciente e preguicosa.

MARQUITA. — Caracter impulsivo, inteligencia assimilavel, vivacidade, espirito religioso sem exagero, generosidade, trato afavel, bom coração, ciumes, pouca vaidade mas orgulho intimo, boa memoria para as boas e más ações que lhe fazem. Amor aos livros e ás flores; irrita-se facilmente mas passa-lhe depressa.

JEANETTE.—Caracter um tanto infantil e sensivel, suave e dedicado, ideias largas, muita intuição, lealdade, bom gosto, ordem. Escreveu tão pouco!

MISS KATE. — Força de vontade tenaz, juizo claro e justo das coisas, energia, caracter bondoso apesar de uma certa severidade, pouca vaidade, ordem, nervos cansados, dignidade que não cae em orgulho, generosidade bem entendida.

BETY.—Força de vontade fraca, caracter impaciente e vivo, habilidade manual, boa inteligencia muito assimilavel, generosidade prodiga, rajadas tanto optimistas como pessimistas, nervos mal dominados, amor aos livros, má memoria, sentimento de poesia.

PEDRO O CRUEL.—Não serve papel pautado, queira escrever outra vez.

JORGE.—Inteligencia cultivada mas tão rapida imaginação que aprendendo tudo... não serve para nada, nervoso em extremo, amante da arte e da sciencia em todas as suas manifestações, caracter apaixonado e impulsivo, pouca vaidade e muito orgulho espiritual, sentimento de pcesia, (em prosa), facilmente irascivel, no fund oreligioso, puro e muito humano! força de vontade ás rajadas, trato afavel e um tanto original nas ideias.

UM INGENUO.—Caracter impulsivo, muito dedicado, generoso moral e materialmente, boa disposição de animo, um poucochinho de vaidade, habilidade manual, boa memoria e verdadeira paixão pela leitura, optimismo proprio de quem a vida ainda não ensinou a ser pessimista, sensualidade forte e cerebral, leal e sincero.

MICHA.—Caracter afavel, nervos bem dominados, mundanismo, bom gosto, verbo facil e espirito critico... com espirito, energia moral, juizo claro e justo, sentimento de poesia, optimismo proprio de quem tudo espera de si propria.. e tem uma grande confiança que chega a ser orgulho desmedido, má memoria para os objectos, reserva, lealdade e amor á verdade.

CARLOS ALBERTO.—Temperamento impulsivo e sonhador, sem deixar por isso de ser activo, energico e trabalhador, ambicioso e com grande fé no futuro, força de vontade impaciente, valente e dedicado, muito amigo de discutir, inteligente, amante da beleza em todas as suas manifestações, e principalmente nas mulheres belas, um pouco poeta e um grande portuguez!

MANUEL CATANO.—Só recebi esta sua ultima carta, como não traz dinheiro só, se o enviar e escrever outra vez será respondido.

ENGENHEIRO ELECTRICISTA.—Não recebi senão este seu bilhete postal.

DELFIM DA SILVA.—Energia, vida, boa disposição, optimismo, um tanto mentiroso sem consequencias, sentimento de poesia, inteligencia muito assimilavel, boa memoria, horror ao trabalho e habitos do mesmo.

LORD PANCRACIO.—Pontos de contacto com «Delfim da Silva» mas uma imaginação mais hiperbolica, vaidades pueris, bom gosto, rajadas pessimistas que passam depressa, mais esperto e menos inteligente.

M. M. L. D. R. A.—Força de vontade impaciente, com gosto, um tanto frivola, egoista, com boa memoria, muito sensual, teimosa nos seus caprichos, generosa prodigamente umas vezes, má e um tanto cruel n'outras, amor aos livros, espirito religioso.

GRENOUILLE. — Caracter reflexivo e um tanto experimentado na vida, nervos fortes que custam a dominar, nenhuma vaidade, ideas largas e sãs, inteligente e pratico, ordem de ideas e desordem de objectos.

UM ACADEMICO.—Caracter brando no fundo esforçando-se em fazer compreender aos outros o contrario, pouca vaidade mas muito orgulho, inteligencia assimilavel, bom diplomata quando quere.

XEIXÃO. — Boa e cultivada inteligencia, amor á estetica, energia moral, sentimento de poesia, força de vontade impaciente, juizo claro e certo das coisas, mundanismo, trato afavel, orgulho de si proprio.

FERNANDO D'ALJUBARROTA.—Temperamento impulsivo, inergico para o trabalho e brando com os seus, bom gosto estetico, orgulho sem vaidade, leal e dedicado, sensualidade forte.

CECILIA (Leiria).—Caracter excessivamente nervoso, mais intuitivo que inteligente, religiosa sem exagero, vaidade, sentimento de poesia, generosidade bem entendida.

KARL BABÁ.—Caracter brando e suave, inteligente mas muito preguiçoso, bom gosto, amor á musica e á dança, orgulho intimo, nervos fracos, boa memoria, ordem, extremo aceio, lealdade, constancia nas suas afeições

FORÇADO EVADIDO. — Temperamento impulsivo, generoso, muito sensual, muito intuitivo, habilidade manual, nervos fortes mas bem dominados, bom gosto, ideas independentes, habitos de trabalho, inteligencia rapida, boa memoria, ambição, optimismo nascido de quem se présa de si proprio.

E. LEVE.—Caracter pratico e calculador, inteligente, sabendo-se dominar e vencer a si proprio quando é preciso, orgulho sem vaidade exterior, generosidade muito bem entendida, só dá quando deve dar, ambição, energia moral, amor á estetica, bom gosto literario, bom matematico.

UM AMANTE DA MECANICA.—Caracter aberto e leal, fortemente sensual e bondoso sem meiguice, boa memoria, generosidade prodiga, idealismos inconfessados, pouca vaidade, habilidade manual.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Muito importante. — São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos. Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17, R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

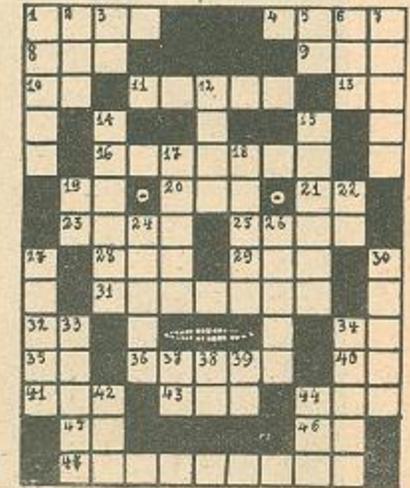
DR. FANTASMA

HORIZONTAIS.—1—parente, 4—fonte, 8—conjunção, 9—prefixo, 10—anfibio, 11—terra portugueza, 13—nota de musica, 16—avenida, 19—«55», 20—tempêro, 21—par, 23—estudavas, 25—bacante, 28—caminho, 29—«NÃO» (em francez), 31—prisão, 32—«José» (popular) 34—contracção, 35—artigo, 36—terra portugueza, 40—abreviatura para chamar a atenção, 41—parente, 43—avento, 44—adverbio, 45—vento, 46—intergeição, 47—peixes.

VERTICAIS.—1—ópera, 2—tempo, 3—pare! 5—seguia, 6—infinito, 7—nome de homem, 12—capital, 14—terra portugueza, 15—nome de mulher, 17—torrar, 18—nome proprio feminino, 19—duas letras de «Salsaparilha», 22—andava, 24—dourado, 26—elegem, 27—celebre compositor musical, 30—digno, 33—nome de homem, 34—epocas, 37—nota musical, 38 gozei, 39—artigo, 42—pedra, 44—rio portuguez.

CORREIO

MARIO FREIRIA.—Recebi e agradeço. Sairá na devida altura. Tenho cá tanto original...

MENINA XÓ.—Recebi e agradeço. Está a seguir de Mario Freiria. Está explendido.

Quanto ás «gralhas»... São uns «bichos» endemoinhados!... Bem me farto de as matar; mas elas escapam sempre! São uma especie do bacilo do «tifo»: Só com 20 minutos de fervura... Vou experimentar o processo...

DR. FANTASMA

Aos artistas novos

O Domingo ilustrado convida aqueles artistas novos que sintam disposição para desenharem reconstituições em paginas, no genero de capas que costumamos reproduzir, a enviarem-nos alguma produção com acontecimento que julguem merecedor do Domingo. No caso de serem aceites, pagamos por preço elevado esses desenhos.

Concurso de Novelas Curtas

OS NOSSOS CONCORRENTES PREMIADOS

DOMINGOS DA SILVA TAVARES, um dos nossos concorrentes, que revelou admiraveis faculdades e obteve um 1.º premio, com a sua novela «O crime da Ruiva»

BREVEMENTE NOVELAS DE

REINALDO FERREIRA E NORBERTO LOPES

Dois dos maiores jornalistas da geração moderna

CRONICAS DE *ARTUR PORTELA*

SOBRE TEATRO ESTRANGEIRO

Actualidades gráficas

O "SALON" DAS BELAS ARTES

«AVIS RARA» explendido quadro do pintor Martinho da Fonseca que se encontra exposto no admiravel certamen da Sociedade Nacional de Belas Artes.

NA PRAIA DAS MAÇÃS.—Notavel tela de José Malhôa, que acaba de obter grande triunfo no nosso «salon» oficial de Belas Artes.

ONDE QUERE QUE CHEGUE UM PORTUGUÊS...

O sr. Antonio de Sousa, português, colono em S. Francisco da California, acompanhado de sua esposa e dos seus dez filhos, e que acaba de receber uma enorme fortuna legada por um milionario admirador das familias numerosas.

UMA GRANDE POETISA

A sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, eminente escriptora, que acaba de publicar um admiravel volume de poesias «Ultimas Canções», com o exito excepcional das suas obras anteriores.

A CULTURA MUSICAL NA PROVINCIA — SANTAREM

O grande orfeon scalabitano que se estreou recentemente, com enorme exito na linda cidade ribatejana, sob a regencia do professor sr. Belo Marques e cuja apresentação foi feita pelo seu presidente sr. dr. Artur Duarte, ilustre advogado.

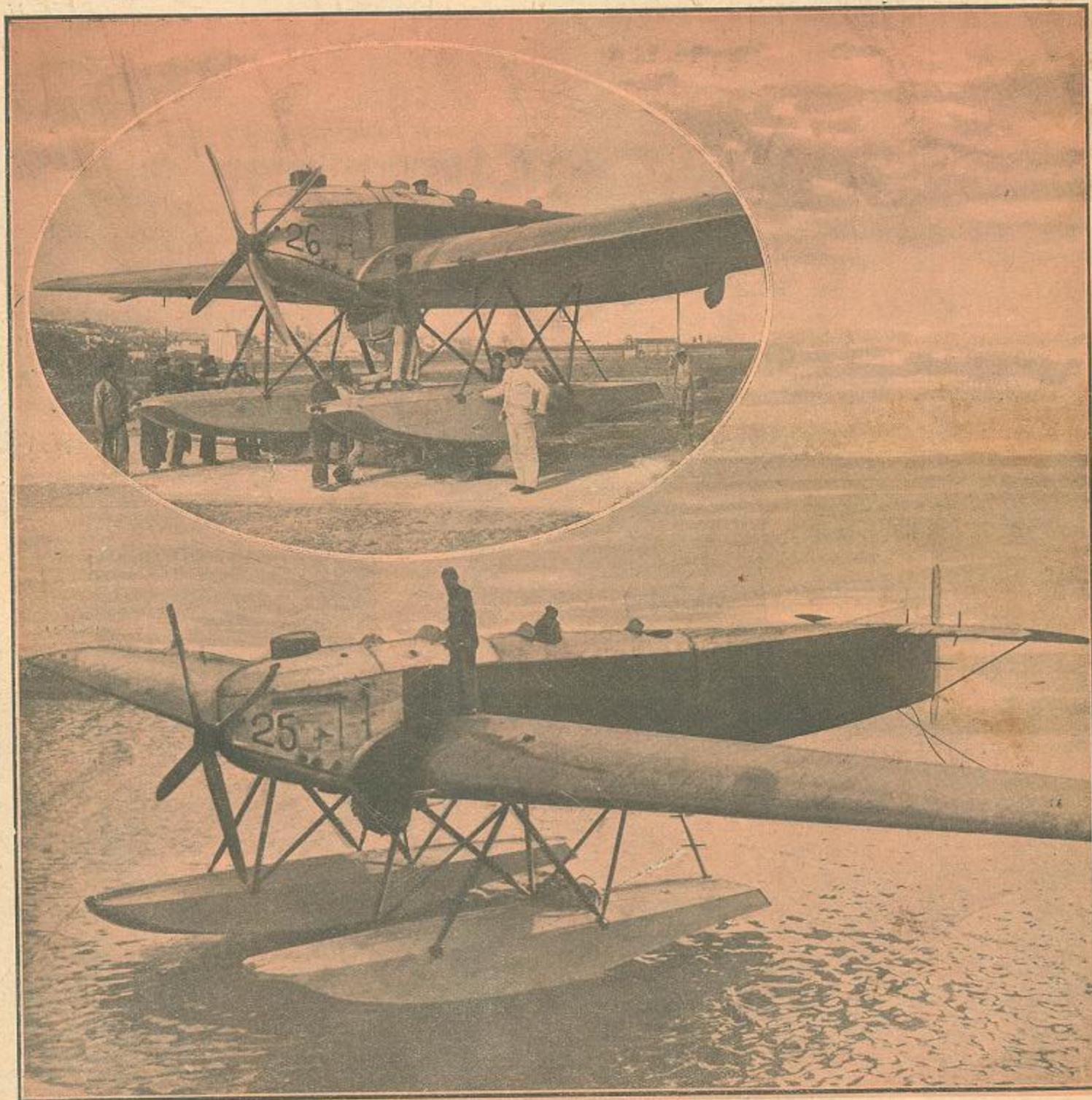
Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O presagio dos "Fokker" da morte!

Na madrugada da partida, o "Fokker" 25 levando a bordo dois corações alegres. Um dia depois o "Fokker" 26 sai do "hangar" para socorrer os naufragos. Felizmente desta vez, os "Fokker" assassinos—onde morreu Sacadura Cabral—não nos levaram mais dois bravos aviadores, depois do martirio de boiarem 18 horas, perdidos na noite e no mar!

(Clichés Foto-Presse, exclus.º do «Domingo»)

O grande espectaculo mundano são as corridas do Jockey-Club